

A ADOLESCÊNCIA E AS AUTOMUTILAÇÕES¹

Joice Kelly da Silva²
Vera Helena Barbosa Lima³

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivos compreender através da literatura científica os principais fatores emocionais envolvidos no ato da automutilação em adolescentes; refletir sobre o motivo pelo qual estes realizam o ato de mutilar o próprio corpo; bem como analisar as características da adolescência, levando em consideração o sofrimento contemporâneo enfrentado por eles, e o contexto no qual estão inseridos, suas relações sociais e psíquicas, e a relação do corpo nesse ato. A prática é conhecida entre os adolescentes autolesivos, como alívio daquilo que é doloroso psiquicamente. A automutilação é vista como um grande problema a ser compreendido, analisando o que está por trás desse ato, suas várias representações subjetivas, por parte dos adolescentes e os aspectos psicossociais que se relacionam entre si. Trata-se de uma revisão da literatura de forma narrativa, a estratégia de identificação e seleção de estudos foram nas seguintes bases de dados: Pubmed, Scielo, Pepsic, Medline e Google Acadêmico. O artigo surgiu a partir de um interesse pelo público adolescente, diante dos sofrimentos enfrentados por estes, na contemporaneidade, como a prática da automutilação. No entanto, a partir da construção escrita desse artigo, pode-se perceber que a automutilação se faz presente na vida desses adolescentes autolesivos, como forma de diminuir a dor moral, para a dor física. É uma prática recorrente em adolescentes, devido a fase de grandes conflitos internos, abrangendo fatores como a falta de controle emocional e a ausência de suporte familiar.

Palavras-chave: Automutilação. Adolescência. Corpo. Sofrimento.

ADOLESCENCE AND SELF-MUTILATIONS

ABSTRACT:

This article aims to understand, through the scientific literature, the main emotional factors involved in the act of self-mutilation in adolescents, reflecting the reason why they perform the act of mutilating their own body. To analyze the characteristics of adolescence itself, taking into account the contemporary suffering present in their lives, and the context in which they are inserted, their social and psychological relations, and the relationship of the body in this act which is known among the self-damaging adolescents, as a relieving method when it comes to psychological pain. Self-mutilation is still seen as a major problem to be studied, analyzing what is behind the act itself,

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Humano. Recebido em 25/10/19 e aprovado, após reformulações, em 25/11/19.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail: joicekelly20@hotmail.com

³ Mestre em Psicanálise e Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) e docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail: veralima@cesjf.br

its many subjective representations, perpetrated by these adolescents and the psychosocial aspects that relate to each other. This is a systematic literature review, the strategy of identification and selection of studies were in the following databases: Pubmed, Scielo, Pepsic, Medline and Scholar Google. This article is the result of a particular interest in the adolescent public, in the face of the current suffering faced by them in contemporary society, as the practice of self-mutilation. However, taking into account all the theoretical research, it is possible to say that self-mutilation is present in the lives of these adolescents as a way to lessen moral pain, for a physical pain. It can be perceived as a recurrent behavior when it comes to this age range, due to the phase of major internal conflicts, encompassing factors such as lack of emotional control and lack of family support.

Keywords: Self-mutilation. Adolescence. Body. Suffering.

1 INTRODUÇÃO

A partir do interesse por adolescentes que se automutilam e as problemáticas envolvidas nessa fase de transformações, enquanto um ser subjetivo e social, deseja-se abordar nesse artigo, o que está por trás desse ato e quais os fatores predominantes. A automutilação aparece como forma de violência contra si mesmo, somada a uma rede de sofrimento subjetivo do sujeito. É visto que o corpo, para esses adolescentes, significa uma fonte de prazer e desprazer nas suas ações. Esse ato de se automutilar expressa, a marca no corpo as suas tensões, uma forma de dar sentindo a dor existencial. Podem fazer isso atacando diretamente o seu próprio corpo e indiretamente na manifestação de comportamentos perigosos. Portanto, é através desses comportamentos que se apresenta a seguinte questão norteadora: Quais fatores podem influenciar os adolescentes no ato de se automutilarem?

O objetivo foi identificar, através da revisão da literatura narrativa, um estudo de abordagem qualitativa do tipo exploratória. Foram coletadas informações em bases de dados como: *Pubmed*, *Scielo*, *Pepsic*, *Medline* e *Google Acadêmico*. Os descritores utilizados para as referidas bases foram: automutilação na adolescência, adolescência contemporânea, autoagressão, autolesão, *cutting*, comportamentos autodestrutivos, o corpo e o adolescente. O recorte temporal definido constituiu-se em publicações dos últimos 10 anos e atendeu aos seguintes critérios de inclusão: o foco na adolescência e a automutilação como tema central. Por outro lado, os estudos

excluídos, foram aqueles em língua estrangeira, e também os que fugiam do tema e não tinham como público os adolescentes.

Dessa forma, os dados obtidos, após a análise do material, buscaram frisar os elementos que podem ser dominantes para desencadear o ato da automutilação, que tem sido cada vez mais constante em um adolescente. Levando em conta o meio social em que estão inseridos, suas relações, o delineamento da adolescência e, o sofrimento atual enfrentado por estes. Logo, apesar de haver muitos estudos sobre a adolescência no Brasil, poucas são as pesquisas relacionadas a automutilação nessa fase. Em suma, se faz necessário uma maior compreensão sobre o tema, para aqueles que vivenciam esse transtorno ou que em algum momento possam vir a buscar esse ato como expressão de seus afetos. A automutilação precisa ser compreendida e discutida como um problema de saúde pública, para que desta forma possam ser realizadas intervenções, prevenções e promoções de saúde junto com essa população tão atingida pelo sofrimento atual.

Diante disso, o artigo tem como propósito chamar atenção para o problema da automutilação para aqueles que lidam com os adolescentes. Pois, ao estudar o desenvolvimento humano, é fundamental compreender essa etapa da vida do sujeito, pois se trata de um momento crítico do desenvolvimento, onde o afeto é fundamental na atenção, no diálogo, e na aceitação do adolescente na busca de sua identidade.

2 DELINEANDO A ADOLESCÊNCIA

Ao longo da história, o termo adolescência vem sendo definido por vários conceitos, não existindo uma compreensão única desse assunto. Existem no Brasil, leis que garantem o direito dos adolescentes, priorizando a sua proteção ao bem-estar físico e psicológico. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os critérios de definição para esse público, é reconhecido dos 12 anos de vida aos 18 anos incompletos. Este documento corresponde a uma série de regulamentos que abrangem a participação do estado na proteção destes (SOUZA; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2015).

É uma faixa etária de características específicas e peculiares. Necessário também marcar o lugar, a época e seu contexto sociocultural dessa vivência, compreendendo os aspectos que são predominantes em seu desenvolvimento. Picirilli
CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 7-25, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483

(2019) reafirma que falar da adolescência é preciso levar em conta todas as características históricas nessa fase, dentre elas o período de transformações corporais, advindas dos hormônios, os aspectos psicológicos que precisam dar conta desse novo corpo e a busca de uma identidade própria. Poder chegar a esse momento do desenvolvimento, implica também em poder utilizar a genitalidade no sentido procriativo. O adolescente se assusta e não sabe o que fazer diante dessa nova perspectiva de um corpo sexual, com desejos e muitos temores. No entanto, essa fase não pode ser definida somente como um sujeito oriundo de transformações biológicas e sim de construções históricas que precisam buscar e construir sua própria identidade. E isso exigirá um grande esforço por caminhos e descaminhos que terá que passar para atingir a maturidade.

O estar adolescente implica numa singularidade e ao mesmo tempo aponta para uma “[...] pluralidade de adolescências” (SOUZA; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2015, p.15). É importante ressaltar que escrever sobre o adolescente é preciso levar em conta suas especificidades familiares, sua história de vida, o contexto onde estão inseridos e sua cultura vigente. De acordo com o que afirmam Souza, Oliveira e Rodrigues (2015, p. 17).

[...] é reconhecida por modificações em seu desenvolvimento, sendo elas: o ambiente físico, que englobam as formas institucionais e sociais do sujeito no mundo, o ambiente cultural que se manifesta pelos valores culturais do dado momento histórico e por fim o ambiente entre seres humanos onde se relacionam com os laços sociais e afetivos.

Hoje a globalização tomou conta da vida do adolescente, através da tecnologia que circula nos quatro continentes. Pode-se observar modificações de atitudes, sentimentos e interesses de uma cultura para outra. Todos, porém precisam se encontrar como sujeitos desejantes de um amor, um amigo, um familiar e uma profissão, e muitas vezes estes não sabem o que fazer e como fazer (PICIRILLI, 2019).

Buscam incessantemente um lugar que possam ser aceitos do jeito que são na busca de sua identidade. No adolescente um fator preponderante é o grupo. Através destes grupos sentem-se mais seguros por pertencer ao grupo de iguais. Se expressam através de linguagens faladas, corporais e musicais, capaz de promover a construção de sua subjetividade. O grupo é algo necessário na vida do adolescente.

É a ponte entre a fase da infância e a entrada na vida adulta. O adolescente se insere ou é inserido no grupo com o qual se identifica. Pode ser um ou vários. A importância do grupo é ser um continente de ações e emoções, pois nesse momento o mundo se descortina e que escolha se deve fazer diante de tantas coisas novas, prazerosas e perigosas, o que fazer? (PICIRILLI, 2019).

Diante de todos os aspectos levantados acima, sobre caracterização da adolescência é necessário levar em conta o sofrimento atual que estes vivenciam na contemporaneidade. Como isso vem interferindo no psiquismo deles, e como a sociedade influencia esses parâmetros de comportamentos (SOUZA; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2015).

[...] ser adolescente hoje é lidar constantemente com as influências oriundas de uma cultura capitalista, altamente consumista, é enfrentar a fragilidade do sistema de valores sócio-morais contemporâneos e pelas novas configurações familiares. Toda essa conjuntura atual influencia intensamente os comportamentos dos adolescentes, e os significados que eles desenvolvem a própria adolescência (SOUZA; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2015, p. 6).

No entanto, por ser uma fase de grandes transformações, é de extrema importância que se tenha um cuidado maior com esses adolescentes, a fim, de promover uma maior compreensão desses conflitos existentes, de forma mais flexível entre o meio familiar e social (JERUSALINSKY, 2003).

2.1 O SOFRIMENTO DO ADOLESCENTE NA CONTEMPORANEIDADE

O adolescente vivencia várias transformações que interferem diretamente em sua vida. Essas mudanças ocorrem em seu entorno, como nas organizações familiares, relações afetivas e redes de amigos, no qual são afetados diretamente em suas vivências. Por isso, nota-se a importância da compreensão de um adolescente, marcado por um sofrimento que advém dessas relações (NÁSIO, 2011).

Nos séculos passados, eram nomeados como púberes, e a adolescência inexistente. A sociedade fazia deles um movimento para o trabalho, cujo qual se iniciava muito cedo, logo após a infância. Eram obrigados a assumir os cargos comerciais e alguns encargos da família. Nesse paradigma, os ideais de liberdade e autonomia deles, eram construídos a partir do próprio trabalho e o lugar que ocupavam

na sociedade da época, sem levar em conta os desejos pessoais. Dessa forma, atitudes imaturas se intensificavam na vida adulta (PICIRILLI, 2019).

No final do século XIX para o início do século XX, a adolescência passou a ser assistida por um novo cenário no contexto social. Com a formulação dos novos processos de escolarização por um período mais tardio, prolongando o processo de dependência junto com os pais. Logo, a adolescência passa a ser descrita com as inúmeras mudanças que acontecem de forma acelerada nos dias atuais, advindas com a evolução cultural e social. São as violências, o alto nível de tecnologias e as novas configurações dos núcleos familiares, este é o cenário contemporâneo que interfere no psiquismo do sujeito, acarretando diversos sofrimentos emocionais contraditórios (PICIRILLI, 2019).

Assim, na contemporaneidade, observa-se adolescentes com dificuldades de compartilhar sentimentos através de palavras. Eles na maioria das vezes não conseguem falar, não sabem demonstrar o sofrimento e nomear a sua dor. Diante disso, enxerga-se na sociedade comportamentos autodirigidos que aparecem como verbalização daquilo que não é dito em palavras, bem como, as agressões a autoagressões. Ainda assim, Násio (2011) relata que, a construção de personalidade do sujeito é marcada e moldada pela forma como o adolescente passa por elas.

[...] primeiro pela neurose saudável do Complexo de Édipo e depois pela neurose saudável da adolescência. Nessas duas fazes o indivíduo reponde através das pulsões, ou seja, a energia libidinal do corpo que não cessa, não se diminui é uma busca por aquilo que impulsiona a viver, chamada pulsão de vida, outro fator é a pulsão de morte que se restringe aquele prazer perdido. E também pelas relações culturais e afetivas introjetadas para si (NÁSIO, 2011, p. 15).

Jerusalinsky (2003, p. 1) afirma que “[...] a palavra adolescência vem de um sinônimo adoecer, onde o sujeito passa por diversos pensamentos de indecisões, responsabilidades, perdas de proteção, desamparos e medos o que, gera sofrimento”. Pois, o adolescente deixa de ser submetido a leis, diretamente projetas para ele do período da infância e passa a estar ligado a leis de todos na sociedade, o que marca o início de uma vida adulta, ou seja, uma vida que era protegida passa a ser desprotegida (JERUSALINSKY, 2003).

É um período marcado por grandes turbulências, de conflitos emocionais, a partir das transformações no modo biológico, psíquico e social. Nos dias atuais,

vivenciam conflitos com a sexualidade, acesso a várias substâncias psicoativas e participam em ato ou como expectador das várias formas de violência contra a pessoa, nas redes sociais, muitas vezes contra a si mesmo (PICIRILLI, 2019).

Vale destacar que onde o adolescente está, seu corpo sexualizado emerge e se faz presente. Passa a buscar de forma tímida, na puberdade e de forma mais intensa na adolescente, aquele ou aquela que será seu objeto de amor.

[...] as meninas hoje, vivenciam muito cedo a gravidez precoce e o motivo pelo qual isso acontece, é devido a uma série de elementos, como a vulnerabilidade social, falta de suporte familiar, falta de comunicação sobre o assunto, violência física, sexual e psicológica, baixa autoestima, uso exacerbado de álcool e outras drogas (PICIRILLI, 2019, p. 59).

É mister afirmar que a gravidez na adolescência tem significados diferentes de acordo com as referências culturais em que estão inseridas. As adolescentes economicamente menos favorecidas, enxergam a gestação como representação de algo que lhe dará uma emancipação. Em contrapartida, as adolescentes mais favorecidas, enxergam esse momento como uma interrupção desse período. Ambas situações, podem sofrer os desafios de se virem como mãe.

Outro ponto, que é muito recorrente aos sofrimentos desses adolescentes, são as substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas. O uso altamente exagerado, podem levar a grandes conflitos sociais e pessoais, um grande problema de saúde pública que atinge todas as classes sociais. Ocasionalmente por uma série de motivos como, “[...] a falta de controle das emoções, contextos de vulnerabilidades, conflitos familiares, busca do prazer, fuga da realidade e intolerância a frustração” (PICIRILLI, 2019, p. 88).

Compartilhando dos mesmos motivos, tem-se a violência onde se perpetua nas relações sociais. Picirilli (2019, p. 89) diz que

[...] é um fator que não se limita a um único conceito, pois existem vários tipos de violência na nossa cultura, adolescentes que cometem atos infracionais, que causam a violência e que muitas das vezes são atingidas por ela”. Existem também as várias formas de violência provocadas a si mesmo, como as tentativas de autoextermínio, automutilação sendo estas condutas auto agressivas.

Essas agressões feitas consigo mesmo, nomeiam-se como condutas de violência, onde o sujeito atribui ao seu próprio corpo, como descargas emocionais do conflito existente. Sendo uma forma de deliberar os sentimentos através dessas

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 7-25, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483

agressões, é pertinente ressaltar que nesse comportamento agressivo a menina, tende a se comportar de forma agressiva com si mesma, já o menino retribui essa agressão para fora, ou seja, na maioria das vezes essa agressão é com o outro. Porém, na atualidade, ambos se auto agredem, o que pode se diferenciar de uma cultura anterior, ao sofrimento que se vivencia hoje (SOUZA; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2015).

Para tanto, na contemporaneidade, o sofrimento de um jovem adolescente pode se manifestar por alguns aspectos do inconsciente. Afirma Násio (2019, p.20) “[...] a neurose de crescimento, que se define como uma fase saudável para o desenvolver de um adulto e a manifestação de comportamentos perigosos, que acontecem de forma intensa”. Passar pela fase da adolescência com sentimentos de tristezas, temores, preocupações e alegrias fazem parte de um desenvolvimento normal para a construção de identidade do sujeito. No entanto, o que se torna preocupante, nesse momento, é a capacidade interna do adolescente em lidar com esses sofrimentos e desafios, visto que, poderá conduzi-lo a insatisfação e, conseqüentemente, a atos de agressões contra si mesmo e contra os outros.

Outro fator que tem se tornado recorrente nos adolescentes, é a grande ansiedade perante as redes sociais. Essas redes tecnológicas reforçam ao adolescente um sentimento inferior frente aos padrões impostos pela sociedade. Em função disso, o mundo virtual pode contribuir com a baixa autoestima dos mesmos, e levá-los a quadros de ansiedade e depressão (SANTOS; SANTOS; FREITAS; TENÓRIO; SILVA, 2017).

O adolescente que se automutila, carrega uma série de conflitos e ausências afetivas do seu meio social e familiar. O sofrimento advém dessas configurações por que passam os adolescentes. Este é um dos modelos de sofrimento da adolescência na atualidade. Tem faltado afeto nas relações intrafamiliares que se iniciam na infância e permanecem durante a adolescência. O adolescente, marcado por um sofrimento, vai em busca de soluções, nem sempre satisfatórias para o seu bem-estar. Tentam chamar atenção dos familiares, porém na maior parte das vezes só conseguem, quando infligem um mal a si próprio. Sentem-se fracassados, impotentes e desesperançosos, sendo a automutilação sua única saída (TOSTES; ASSIS; VAISBERG, 2018).

2.2 O FENÔMENO DA AUTOMUTILAÇÃO E SUAS REPRESENTAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA

A automutilação é uma prática que sempre esteve presente em diversos períodos da civilização. Os primeiros estudos sobre o tema surgiram em meados do século XIX, onde a automutilação fazia correlação com transtornos mentais para, posteriormente, ser reformulado de acordo com novos paradigmas da sociedade. Naquela época, os primeiros casos registrados foram de mulheres que perfuraram os seus corpos com agulhas e, com ao passar dos tempos, essa prática desenvolveu um formato mais angustiante, ao substituir a agulha por uma faca. Desde então, o fenômeno da automutilação se tornou uma prática recorrente, sendo observada com maior frequência em adolescentes (ARAÚJO; CHATELARD; CARVALHO; VIANA, 2016).

O ato de se automutilar possui vários graus sendo eles lesões mais graves, mais leves ou intermediárias. São comportamentos em que o indivíduo retribui ao próprio corpo através de escarificações, cortes, queimaduras, perfurações, mordidas, autoagressões, feitos com objetos ou com a própria mão. As vezes não há uma intenção suicida. A ação remete a uma forma de minimizar o sofrimento interno, sentido pelo adolescente de diferentes formas. “[...] o fenômeno é visto como alívio de uma angústia interior, que quando não tratadas por palavras, podem ser prejudiciais ao psiquismo” (JORGE; QUEIRÓS; SARAIVA 2015, p. 210). Remetendo a conduta autolesiva, a fim de cessar o sofrimento interno para o externo através do corpo.

Tostes, Assis, Vaisberg e Corbett (2018, p. 258) escreve que “[...] a prática é um ato de enfrentar problemas mediante as situações do sujeito que não sabem lidar com as dificuldades preexistentes do momento”. Ambos os sexos vivenciam isso, porém, as meninas se automutilam mais. “[...] estudos mostram que o sofrimento da menina no seu inconsciente Imaginário, se associa pela falta de afeto na configuração parental” (ASSIS; VAISBERG; CORBETT, 2018, p. 259).

Sentimentos como, carências afetivas, o meio familiar desestabilizado seguindo pela falta de carinho, amor e atenção, se perpetuam no psiquismo desses adolescentes. Desse modo, meninas adolescentes que se automutilam são atravessadas por uma rede de sofrimentos, assim como os meninos que podem ocorrer pelos mesmos fatores, porém com interpretações diferentes na vida do sujeito.

“[...] a automutilação se configura a um grande problema registrado no Brasil, por isso é preciso compreender e investigar a fundo sobre os aspectos que estão direto ou indiretamente ligados a esse tema” (ALMEIDA; CRISPIM; SILVA; PEIXOTO, 2018, p. 148).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014), além das inúmeras classificações do conceito de automutilação, temos algumas definições em casos de transtornos, como o Transtorno *Borderline* (F60. 3), como sintoma principal, a automutilação de forma recorrente, que faz relação com a angústia predominante do sujeito, porém com ameaças suicidas. Amnésia Dissociativa (F44.0), que traz a história do sujeito em relação com traumas na infância, abuso sexual infantil, abandono e vitimização do sujeito que podem levar o ato autolesivo. Transtorno Dissociativo de Identidade (F44.81), associado a uso e abuso de substância de álcool e outras drogas, ansiedade, depressão e entre outros fatores desencadeantes. No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) é referido que a prática direcionada a si mesmo, trata-se de um transtorno mental, de intenção não suicida, de forma repetitiva do sujeito em ferir seu próprio corpo, para diminuir os sentimentos e emoções negativas e para resolver problemas interpessoais que quando não tratado, pode ser um passo para tentativa de suicídio (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANTORNOS MENTAIS, 2014).

Giusti (2013, p. 15) reconhece a automutilação em quatro categorias:

[...] a automutilação do tipo estereotipada, na qual, refere-se a condutas repetitivas, de caráter uniforme, as lesões apresentam sempre os mesmos formatos, podendo distinguir a complexidade das feridas como alta ou baixa, gerando muita das vezes um risco na vida do adolescente, geralmente esse comportamento é visto em casos de autismo. Automutilação do tipo grave, trata-se de lesões altamente graves, colocando sempre a vida do indivíduo em posições de riscos, esse tipo de conduta, geralmente não se repete, devido à grande lesão ocasionada, pode estar associado a transtornos de personalidade e a quadros psicóticos. Automutilação do tipo compulsivo, que engloba comportamentos repetitivos, frequentemente rítmicos, acontece em várias vezes ao dia, normalmente associado a pessoas que sofrem com o ato compulsivo. E por fim, a Automutilação do tipo impulsivo, esse tipo impulsivo acontece quando a pessoa/adolescente se corta, se bate, se queima, atos estes relacionados a uma impulsividade auto agressiva.

O adolescente ao se automutilar admira a dor que naquele momento deixa de ser no interior do seu psiquismo e passa a ser exterior ao indivíduo, passa a ser concreta. De certo modo, essa lesão no corpo retira a carga emocional elevada do

sujeito naquele momento, aliviando a sua angústia interna por um período momentâneo. O que se reconhece como “[...] gozo, um comportamento que passa pela via do prazer, ou seja, a vontade de se cortar que advém de grandes sofrimentos, gera para esses indivíduos sensações prazerosas” (ARAÚJO; CHATELARD; CARVALHO; VIANA, 2016, p. 498).

No entanto, vale ressaltar que esses comportamentos, vão de encontro ao conceito de pulsão, citados por Freud (1996a) pois, o sujeito reage ao mundo, através de suas interpretações, frente aos seus comportamentos e pensamentos. Sendo assim, é visto em sua literatura os conceitos de pulsão “[...] como uma energia que se localiza entre o psíquico e somático, uma energia que não cessa, algo que está sempre impulsionando seu comportamento seu instinto” (FREUD, 1996a, p. 75). Por isso o auto dano, ele correlaciona como uma energia deliberada para o sujeito que se configura a via do prazer para o desprazer através do corte e da dor (FREUD, 1996a).

Ao relacionar o prazer de se cortar e a remeter a dor do sofrimento interno, esses comportamentos auto agressivos, se movem pela via da dor e do prazer. Pode-se pensar que o ato de se automutilar é uma forma de masoquismo. Freud (1996b) define o termo do masoquismo para compreensões desses sentimentos, como uma fantasia do sujeito, relacionado a pulsão sexual, sendo esta uma pulsão de controle para o sentimento de prazer através da dor, ou seja, uma experiência ligada ao desprazer de modo passivo se apropriando da função do eu. Para ele “[...] toda dor contém em si a possibilidade de uma sensação prazerosa” (FREUD, 1996b, p. 175).

Desse modo configuram esses atos automutilantes, relacionados ao prazer, no qual o mecanismo de evitação do sofrimento passa pela via da obtenção do prazer. Adolescentes que se automutilam, em certos momentos relatam que essa descarga emocional praticada com o corte, se aproxima muito de um orgasmo como no sexo ou da masturbação. Observa-se, que nesse contexto o prazer ligado ao desprazer, aponta para dor e o sofrimento. E isso de certo modo, evidencia o prazer mediante a dor naquele momento. E o desprazer seria o lidar com o sofrimento (ARAÚJO; CHATELARD; CARVALHO; VIANA, 2016).

Para Freud (1996c) o desprazer seria uma carga alta de elevação dessa tensão psíquica e o prazer seria o rebaixamento dessa tensão. Com isso, percebe-se uma ligação do ato de se automutilar como o rebaixar dessa tensão. Em seguida, Freud (1996c) vai explicar nos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, que “[...] a

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 7-25, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483

experiência gera tensões que geram prazer, pois existem tensões que podem ser prazerosas ou que não em determinados contextos do sujeito, sendo que tudo passa pela via qualitativa de sensações, diante de suas pulsões” (FREUD, 1996c, p. 180). No entanto, o que aparece como um desejo de morte, é um desejo de cessar a dor. Pode-se pensar ser um ato isolado ou apontar para uma patologia, hoje vista como um transtorno de personalidade (FREUD, 1996c).

Ao tratar sobre o tema da automutilação, é necessário levar em conta a relação que esse assunto tem com o autoextermínio e suas diferenças. O autoextermínio nomeado como suicídio, caracteriza-se pelo ato, no qual o sujeito tem intenção de dar fim a sua própria vida. Já na automutilação, o indivíduo pode não ter a intenção de finalizar a própria vida. O que pode acontecer por acidente. Apesar de suas pequenas diferenças ambos têm o objetivo de minimizar o sofrimento no momento, no qual merecem suporte e apoio (PICIRILLI, 2019). De acordo, com Silvia e Botti (2017, p. 71) “[...] os casos aparecem com maior frequência em adolescentes com 15 anos, as taxas ficam na casa dos 12,6% para meninas e 4,6% para meninos” (SILVIA; BOTTI, 2017).

Diante desse contexto, muitos profissionais, assim como os pais e aqueles que lidam com o adolescente, não entendem como algo da normalidade e sim como uma conduta direcionada ao campo psicopatológico. Para que esse comportamento seja tratado, se faz necessário retirar o sujeito desse paradigma psicopatológico, para que ele possa retomar o seu estado saudável e normal. É preciso enxergar o que está por traz desses cortes, e qual o significado desse ato para cada sujeito (ARAÚJO; CHATELARD; CARVALHO; VIANA, 2016).

É necessário um olhar diferenciado para esses atos, pois é preciso entender a vida pregressa desse adolescente, o que vivencia hoje, a fim de poder projetar um futuro mais promissor. Onde há vida, há esperança, e esse adolescente precisa se conscientizar que é mais importante viver, do que se automutilar, podendo chegar a morte. Esse adolescente, precisa de estratégias para lidar com esse sofrimento tão evidente na sociedade contemporânea. “[...] pois, seres humanos são sujeitos de cultura e linguagem, cujo são afetados pelo outro, não há nada que segure o sujeito na vida, sem ser seus laços sociais e afetivos” (ARAÚJO; CHATELARD; CARVALHO; VIANA, 2016, p.500).

É através do corpo que o adolescente se mostra para o outro e para o social. Se ele está machucado é preciso escondê-lo (GUERREIRO; SAMPAIO, 2013). Como representar esse corpo automutilado para si mesmo? E para a sociedade?

2.3 O CORPO E A SUAS REPRESENTAÇÕES PARA O ADOLESCENTE

Ao compreender a relação da corporeidade e as representações na adolescência, é importante destacar o papel do corpo, para além de suas características físicas, sua interação com o ambiente, pessoas e objetos, não somente no sentido de corpo/carnalidade. Como foi escrito anteriormente “[...] o corpo é a representação do sujeito perante a tudo que ele vivência e sente no mundo interno e externo” (GUERREIRO; SAMPAIO, 2013, p.206). A corporeidade é concreta, porém também irá definir o ser social e a sua subjetividade. A resultante dessa corporeidade é o que se soma as representações, sendo as questões biológicas e psicossociais que influenciam a vida do sujeito. Pode-se encontrar representações negativas, como daqueles que se automutilam. Fazem desse corpo modificado, sangrando sua representação (GUERREIRO; SAMPAIO, 2013).

Segundo Vilhema (2016, p. 691) os cortes no corpo são as representações daquilo que não é dito, “[...] marcas no corpo, impressões deliberadas, cicatrizes como traços indeléveis, como lembranças da pele, fazem-me indagar o que está sendo inscrito e que não pode ser dito” (VILHEMA, 2016).

Sabe-se que o corpo, a imagem e o esquema corporal contribuem para a subjetividade do indivíduo. “[...] essas imagens corporais permanecem em constante mudanças desde o nascimento do indivíduo até o fim da vida, e essas modificações se fazem presente em todas as fases, de modo psíquico, cognitivo e biológico” (SANTOS; SANTOS; FREITAS; TENÓRIO; SILVA, 2014, p. 3).

Dolto (2001) define a imagem e o corpo, como associações representativas do inconsciente do corpo,

[...] o corpo é dividido entre o esquema corporal que abrange a percepção neurobiológica sendo similar a todos. Dividido também pela imagem do corpo, que se diferencia no sujeito, pois está marcado suas histórias, experiências em relação ao mundo seja elas positivas ou negativas (DOLTO, 2001, p. 2).

Durante a fase da adolescência há um sofrimento do sujeito pela perda do corpo infantil e a transformação para um corpo adulto. Muitas vezes não se reconhecem nesse corpo que se modifica, o que pode gerar alterações no psiquismo. Demoram um tempo para se adaptarem a esse novo corpo e muitos relutam, mas não conseguem (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011).

[...] os adolescentes na maioria das vezes não sabem lidar com essas modificações, sendo que é nesse momento que suas questões sociais e emocionais levam a possíveis transtornos, o que geram um desconforto e uma grande carga de tensões. O corpo vira alvo de seus sentimentos e emoções (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 72).

O corpo fala, a linguagem se mostra difícil de expressar o que sentem “[...] o corpo é analisado como fonte de representações do sujeito” (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 72). Esse corpo vai expressar o que sentem e de que forma se colocam no mundo. “[...] os cortes no corpo” (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011, p. 72).

O adolescente vivencia um desamparo nesse período. O Eu fica à deriva entre o Id muito intenso e um Superego de atuação fraca ou inexistente. Muitas vezes o impulso toma conta do sujeito e o faz agir contra si mesmo. Freud, define

[...] o Id como princípio do prazer, questões do inconsciente como parte primária da personalidade onde passa as sensações prazerosas, Ego como objetivo de ser a função de grande mediador diante do desejo do Id e a repreensão do Superego que se define como juiz de valor, onde relata a distinção do eu, fazendo uma junção a questão corporal que seria o Ego (FREUD, 1996b, p. 180).

Contudo, esse eu corporal estaria à frente de tudo como uma projeção da superfície. Sendo assim, é compreendido o comportamento autolesivo como estratégias de direcionar suas angústias não controláveis para o corpo, algo que então, passa a ser controlado (FREUD, 1996b).

Os cortes ocasionados pelo sujeito envolvem a relação com o corpo, e a representação de um sofrimento. Esse autodano, na maioria das vezes são realizados em partes do corpo, na qual são mais discretas. “[...] esses adolescentes após esses comportamentos, costumam tampar as partes do corpo que foram infligidas. Compreende-se que a dor do corpo vira um substituto de uma dor que é psicológica” (FORTES; MACEDO; MEDEIROS, 2017, p. 76).

A linguagem e as expressões através do corpo tem sido a forma mais enfatizada de se pronunciar frente ao mundo. Junto com o saber coletivo que representa essa comunicação, mesmo diante de regras e normas, a linguagem corporal também soma as características individuais de cada sujeito, direcionada ao corpo.

[...] a representação desse corpo e a imagem corporal que representa para esse sujeito, transpassa pela via da aceitação e rejeição. Por isso, se faz importante a aceitação deste para adolescentes para se sentir seguros nas relações sociais. Já na rejeição desse corpo isso gera um mal-estar para o indivíduo, podendo dificultar as relações, a baixa autoestima e também a construção de identidade do adolescente (COSTA; MACHADO, 2014, p. 16).

A insatisfação da imagem corporal, na adolescência é comum, ainda mais quando se trata de meninas, uma vez que o corpo está em constantes transformações que levam a inúmeras inseguranças, sendo mais rigorosas com o corpo do que os meninos. Costa e Machado (2014, p. 20) retrata que “[...] as problemáticas enfrentadas nesse processo de mudanças biológicas recebem uma forte influência da sociedade, diante de padrões de beleza que são impostos ao sujeito”. Visto como, padrões aceitos nos dias atuais, esse fator pode contribuir com o sofrimento contemporâneo na adolescência, a busca de um corpo idealizado e a negação do corpo real (COSTA; MACHADO, 2014).

Diante de tudo que já foi escrito acima, “[...] o corpo é o ponto alvo de todas as fontes psicossomáticas do ser humano, sendo a todo momento carregado de frustrações e sofrimentos, ocasionado pela cultura negativa da contemporaneidade” (FERNANDES, 2011, p. 46). O que fazer diante dessas demandas que não cessam de acontecer. Acomete nossos adolescentes num desespero para se sentirem vivos na dor.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a automutilação no Brasil, se mostra cada vez mais frequente em adolescentes. O adolescente passa para o corpo, fazendo cortes, seus conflitos interiores os quais não conseguem transformar em palavras. A dor de existir passa a ser desenhada nos braços, nas pernas e até mesmo no abdômen. Mas pode levar a uma ideação suicida gradativa pelo número de tentativas. A dificuldade emocional

desse período, o torna sugestionável, inquieto, em busca de respostas para suas indagações. O tempo é o agora, o passado já foi e o futuro está longe. O que deseja é ser reconhecido pelo meio e ter um lugar social, e ser respeitado como sujeito de direito e de dever, mesmo se esquecendo de suas responsabilidades.

Nota-se, que os principais elementos que pressupõem a prática auto lesiva ocorrem pela falta de controle das emoções, carência de afeto familiar, traumas que advém do período da infância, isolamento social e o uso de álcool e outras drogas também podem estar inseridos no contexto. Esses cortes ou lesões acarretam uma série de significações singulares. Pode ser, formas de alívio, o chamar atenção e pertencimento aos grupos. Tudo se passa do interior para o exterior do corpo.

Compreende-se que a automutilação vem sendo observada como uma estratégia para os adolescentes, chegarem as suas próprias emoções. Nesse período há uma sensibilidade maior para os afetos, e ao mesmo tempo também as dificuldades no lidar com elas. O sofrimento vivenciado nessa etapa da vida é insuportável e muitas vezes letal para o sujeito. Para que isso seja evitado, tem que haver internalizações de coisas boas e projeções daquilo que não é bom. Isso precisa estar acontecendo desde a infância, pois desde sempre o sujeito precisa ocupar o lugar no desejo de alguém para ser amado. O perigo surge quando isso não ocorre, pois, o adolescente sente, muitas vezes, como um nada e não consegue se equilibrar nas adversidades, as quais precisa lidar.

O tema proposto nesse artigo é de grande importância e precisa de atenção por parte das famílias, dos educadores, psicólogos e daqueles que são os responsáveis pelas políticas públicas em nosso país. Muito ainda precisa ser feito pelos e para os adolescentes que desejam ser olhados, ouvidos e aceitos em suas singularidades e que precisam se adequarem ao ambiente familiar, escolar e social.

De tudo o que foi escrito, vale ressaltar que essa não é a única vertente desse período, pois a adolescência pode ser produtiva, criativa e com muitas descobertas para se seguir adiante. O sofrimento faz parte da existência humana e por isso o adolescente precisa ser encorajado e assistido em suas dificuldades para que possa ultrapassar a dor de existir pelo amor que está por vir.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rodrigo da silva; CRISPIM, Maria Sonia da Silva; SILVA, Dionisio Souza da; PEIXOTO, Sandra Patrícia Lamenha. A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/educacional. **Ciências Humanas e Sociais**, Alagoas, v. 4, n. 3, p. 147-160, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/5322/2803>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- ARAÚJO, Juliana Falcão Barbosa de; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CARVALHO, Isalena Santos; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200012>. Acesso em: 10 set. 2019.
- BOCK, Ana Mercedes Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria Lourdes. **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BOTEGA, Neury José. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- COSTA, Sandra Matos Botelho; MACHADO, Mônica Tereza Christa. O corpo e a imagem corporal em adolescentes: perspectivas a partir do cuidado integral à saúde. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.19-24, 2014.
- DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FERNANDES, Maria Helena. O corpo e os ideias do clínico contemporâneo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 43-55, 2011.
- FORTES, Isabel; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, Barranquilla, v. 20, n. 38, p. 353-367, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-01372017000200353&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 set. 2019.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: **Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p.11-75 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XVIII).

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. In: **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 173-188 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. VXIX).

FREUD, Sigmund. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Um caso de Histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 163-195 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. VII).

FROIS, Erica; MOREIRA, Jacqueline; STENGEL, Márcia. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 71-77, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a09v16n1.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

GARRETO, Anna Karla Rabelo. **O desempenho executivo em pacientes que apresentam automutilação**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria). Faculdade de Medicina, University of São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-06082015-124601/en.php>>. Acesso em: 24 set. 2019.

GIUSTI, Jackeline Suzie. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. 2013. 184 f. Tese (Doutorado em Psiquiatria) – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/>. php. Acesso em: 31 mar. 2019.

GUERREIRO, Diogo Frasilho; SAMPAIO, Daniel. Comportamento autolesivo em adolescentes: uma revisão da literatura um foco na investigação em língua portuguesa. **Rev. Port. Sau. Pub.**, Lisboa, v. 31, n. 2, p. 204-213, 2013. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252013000200009>. Acesso em: 14 set. 2019.

JERUSALINSKY, Alfredo. Adolescência e Contemporaneidade. **Conselho regional de Psicologia 7ª Região**. Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade. Porto Alegre: Libretos, 2004.

JORGE, Joana Calejo; QUEIRÓS, Otilia; SARAIVA, Joana. Decodificação dos comportamentos autolesivos sem intenção suicida. Estudo qualitativo das funções e significados na adolescência. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 2, n. 33, p. 207-219, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000200006>. Acesso em: 10 set. 2019.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. **DSM-5**. American Psychiatry Association. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4538176/mod_resource/content/1/MANUAL%20DSM-V.pdf. Acesso em: 11 set 2019.

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 7-25, ago./dez. 2019 – ISSN 2674-9483

NÁSIO, Juan David. Perfil do adolescente contemporâneo. In: **Como agir com um adolescente difícil?** um livro para pais e profissionais. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 11-32. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books/about/Como_agir_com_um_adolescente_dif%C3%ADcil.html?id=WNqMvZrhF1AC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 09 set. 2019.

PICIRILLI, Cláudia Capelini. **Adolescência e Juventude no Século XXI**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, p. 7-88, 2019. Disponível em: <http://livro_unico.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

SANTOS, Andreia Maria Alves; SANTOS, Carlos Antônio; FREITAS, Letícia Reis Ferreira; TENÓRIO, Macela Marta da Costa; SILVA, Renato Silvestre da. Corpo, Injúria e Símbolo: a automutilação em jovens. In: Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia, 2017, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza (CE): DeVry Brasil Damásio Ibmec, 2017. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/mpct2017/47232-corpo-injuria-e-simbolo--a-automutilacao-em-jovens/>>. Acesso em: 09 set. 2019.

SILVA, Aline Conceição; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 18, p. 67-76, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602017000300010>. Acesso em: 10 set. 2019.

SOUZA, Mauricio Rodrigues. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 135-155, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 set 2019.

SOUZA, Tatiana Yokoy; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes; RODRIGUES, Dayane Silva. Curso Núcleo Básico. Escola Nacional de Socioeducação. **Adolescência e juventude**: questões contemporâneas. Brasília, 2015. Disponível em: <http://ens.sinase.sdh.gov.br/ens2/images/Biblioteca/modulos_dos_cursos/Nucleo_Basico_2015/Eixo_1/Eixo1.pdf>. Acesso em: 09 set. 2019.

TOSTES, Guilherme Wykrota; ASSIS, Natália Del Ponte dei; VAISBERG, Tânia Maria José Aiello. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 257-267, 2018. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/viewFile/ctc.2018.112.10/60746306>>. Acesso em: 09 set. 2019.

VILHEMA, Junia de. Corpo como tela...navalha como pincel. A escuta do corpo na clínica psicanalítica. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 691-706, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v19n4/1415-4714-rlpf-19-4-0691.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2019.

